

Caminhos da cientificidade da Linguística: um breve panorama histórico-conceitual

*Paths of scientificity of Linguistics:
a brief historical and conceptual overview*

Paulo Gerson STEFANELLO¹

Resumo

Este ensaio visa apresentar um panorama teórico acerca de como a linguística concretizou-se como disciplina de caráter científico por meio do amadurecimento dos postulados saussureanos e bloomfieldianos, sobretudo, além de identificar como essas concepções se instauraram no cenário brasileiro dos estudos estruturalistas. Nesse sentido, o presente texto auxilia na compreensão do percurso de consolidação da linguística e no desenvolvimento de trabalhos que se vinculem à historicidade e análise linguísticas.

Palavras-chave: Ciência. Consolidação. Linguística. Saussure.

Abstract

This essay aims to present a theoretical panorama regarding how linguistics has been materialized as a scientific prospect discipline through the maturation of Saussure and Bloomfield postulates, above all, in addition to identify how these conceptions were consolidated in Brazilian scenario of structuralist studies. In this sense, this text helps to understand linguistics consolidation path and in the development of works binding to linguistic historicity and analysis.

Keywords: Science. Consolidation. Linguistics. Saussure.

Introdução

Desde as primeiras narrativas é possível percebermos uma constante preocupação do homem acerca do uso da língua e das linguagens de que se apropria no processo dialógico e comunicacional.

¹Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).
E-mail: pgrstefanello_@hotmail.com

As preocupações iniciais com o fenômeno linguístico aparecem na filosofia antiga e na necessidade de preservação dos antigos textos sagrados, como ocorreu com o processo de descrição do sânscrito pelos hindus, por exemplo. Com o tempo e com o alargamento dos problemas concernentes à língua, as preocupações voltavam-se ao signo linguístico, isto é, passou-se a questionar, num primeiro momento, a relação existente entre as coisas e seus nomes. Este viés dos estudos linguísticos é iniciado pelo genebrino Ferdinand de Saussure, responsável por delimitar um objeto específico de estudo e uma metodologia para que suas teorias se concretizassem numa ciência que não mais dependesse de concepções religiosas nem filosóficas.

Não é exagero afirmar que grande parte do conhecimento linguístico do século XIX foi reunido no *Curso de linguística geral*, publicado somente em 1916 na França, engajando teorias e concepções saussurianas. A publicação foi organizada por seus discípulos da Universidade de Genebra. As ideias defendidas por Saussure influenciaram toda a corrente estruturalista, apesar de esta nomenclatura não haver sido utilizada por ele, posto que compreendia a língua como um sistema de signos.

De acordo com o teórico, os lados social e individual que compõem o sistema linguístico, o primeiro produto e o segundo produção, mais bem abordados no decorrer deste texto, e os aspectos variável e momentâneo da fala, são o que fazem com que o reconhecido pai da Linguística pautasse seus estudos na homogeneidade da língua.

Ao considerar a língua como dinâmica e homogênea, e a fala mutável, os estudos saussurianos preocuparam-se com o uso coletivo da língua, não com o individual.

Daremos nesse ensaio maior atenção à corrente européia do estruturalismo, na qual encontramos além de Saussure (ressaltamos o caráter estruturalista de seus estudos, mas não o classificamos como um estruturalista) com suas dicotomias e tantos preciosos estudos, os demais estudiosos do conhecido Círculo de Praga. Todavia, é impossível deixar de mencionar Edward Sapir e Leonard Bloomfield, os grandes nomes do estruturalismo da corrente americana.

Abordaremos, ainda que brevemente, como se deu a chegada ou a inserção do pensamento estruturalista no Brasil, tendo como principal nome o professor Mattoso Camara Junior a partir do final da década de 1930, quando se difundiram alguns preceitos de Roman Jakobson, de quem foi aluno e discípulo.

1 Os percursos do cientificismo estruturalista

É impossível não mencionar a antropologia de Claude Lévi-Strauss ao tratarmos da tendência estruturalista e das relações simbólicas, responsáveis por dar sentido a dados empíricos de uma determinada realidade. É a partir destas relações que se elaboraram teorias que suportariam uma estrutura. Para Lévi-Strauss, uma ordem de estruturas que visam manter e preservar uma sociedade, uma vez que haveria uma sistemática (re)organização, possui grande semelhança a uma máquina ajustada para um contínuo funcionamento. É claro que esta é uma visão essencialmente antropológica, mas faz-se necessária uma contextualização social, para que abordemos alguns conceitos específicos do estruturalismo linguístico.

Saussure pertenceu a uma época de consolidação científica em diversas áreas. Além das ciências naturais que já se tinham estabelecido, algumas das ciências humanas estavam trilhando o mesmo caminho. Os estudos em linguagem precisavam de uma exata definição do objeto de estudo além da caracterização de estudo indutivo (e não dedutivo, como se caracterizava grande parte dos estudos das áreas de humanas nessa época), enfocando ainda seu caráter social, para que a disciplina fosse concebida como uma ciência. Esse aspecto de cientificidade era, aos olhos de Saussure, o que faltava para os estudos da linguagem de tradição greco-romana.

Conforme Milani (2000) é possível perceber algumas marcantes influências na obra de Saussure, como, por exemplo, as do alemão Wilhelm von Humboldt (1765-1835) e do norte-americano William Dwight Whitney (1827-1894). Humboldt consagrou-se como o primeiro linguista europeu a perceber a linguagem humana não como um conjunto de palavras e frases com significados, mas como um sistema (semelhante às considerações de Saussure) governado por regras. Já Whitney é responsável por compreender a língua como uma instituição social e por valiosos estudos sobre as alterações que as línguas sofrem, a partir das quais se poderiam compreender problemas associados ao ensino e à aprendizagem de línguas estrangeiras. As colaborações desses pesquisadores tiveram notável relevância para as investigações de Saussure, o possibilitando de fazer da Linguística uma ciência.

Para Faraco (2005, p. 28), não há como negar que

[...] Saussure realizou um grande corte nos estudos linguísticos. Suas concepções deram as condições efetivas para se construir uma ciência sincrônica da linguagem. A partir de seu projeto, não houve mais razões para não se construir uma ciência autônoma a tratar exclusivamente em si mesma e por si mesma, e sob o pressuposto da separação estreita entre a perspectiva histórica e a não histórica.

Saussure associa analogamente a língua a uma forma, individual, à parte das substâncias que a compõem, constituída de um jogo sistêmico de oposições, ou melhor, de alguma relação entre opiniões. Dessa maneira, gerou-se uma possibilidade de estudar a língua como uma rede de signos independentes, estritamente sob a ótica da sincronia. É válido ressaltar que os estudos linguísticos atingiram esse patamar graças aos estudos pré-saussurianos (comparativistas e de essência histórica).

Ao passo dos novos limites alcançados pela ciência, é possível afirmarmos que essa não mais passou a ser vista como algo já acabado, imexível e que não aceita complementações graças ao estruturalismo. Bach (1979) apresenta os estudos de Freeman Twadell sobre os fonemas, os definindo como algo construído e baseado em hipóteses de gramática, de sintaxe e de tudo aquilo que circunda a língua. Entretanto, os estudos comparados mostraram que a fonologia precisa de dados culturais, bem como a sintaxe e como a linguística em geral.

Por outro viés, Chomsky preocupou-se com a noção da regra gramatical e do modo como deveríamos nos atentar a algumas propriedades gramaticais, considerando-as indispensáveis para se conhecer uma língua de maneira ampla. As pesquisas chomskianas formularam analogias entre as teorias da lógica matemática e da gramática, e concluíram que a teoria linguística é mais complexa do que a matemática e que a teoria de uma língua aleatória não é completa.

É interessante que percebamos que o estruturalismo permite a passagem por três estágios teórico-metodológicos que levariam a linguística a adquirir caráter de ciência: inicialmente, os embasamentos filosóficos de origem grega, bastante amplos e que pautavam a sintaxe, a morfologia, a etimologia e a retórica; depois, os estudos da filologia que se voltavam às questões gramaticais e, um terceiro estágio, a fase histórico-comparatista iniciada com a descoberta do Sânscrito (entre 1786 e 1816), apresentando as relações possíveis entre as línguas clássicas e a antiga língua da Índia.

2 A contribuição saussureana

“... um todo coerente e coeso”. Assim descreve Costa (2008, p. 113) quando trata a língua como um sistema. Tal como os sistemas do corpo humano, o sistema solar e todas as outras estruturas existentes no universo, a língua o é e, à medida que vai sendo descrita, vão-se revelando os mecanismos e articulações para que ela se constitua como tal.

A concepção de estruturas foi algo de grande importância no *boom* científico e, especialmente no século XX para as ciências humanas, pois todas faziam e fariam uso do fenômeno da linguagem para se firmarem como disciplinas de fundamento científico.

Ora, a comunicação apenas ocorre porque conhecemos as regras estruturais da gramática, não necessariamente as regras gramaticais esquematizadas por estudiosos e que distinguem uma norma padrão ou culta de uma norma coloquial de linguagem, mas é necessário que conheçamos uma estrutura interna ao sistema linguístico que nos permite comunicarmos com alguém sobre algo e fazê-lo entender em caso de possuíras mesmas competências. Essas habilidades começam a ser desenvolvidas ainda na fase de aquisição de linguagem e se cristalizam como sistema em meio ao convívio social.

Com as quatro principais dicotomias saussurianas (língua e fala, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma e significante e significado, apresentadas a seguir), que foram obtidas novas concepções acerca da linguagem, visto que essas dicotomias consistem em oposições completas.

2.1 Língua e fala

Para Saussure, o primeiro desdobramento do fenômeno linguístico é o da linguagem como língua (*langue*) e fala (*parole*), uma relação interdependente, na qual a língua está para o social, pois uma mesma língua pode ser utilizada por um grupo de falantes, e a fala está para o individual, já que a maneira como se vai fazer uso dessa língua pode mudar de falante para falante.

A partir dessa vertente, fica mais claro reparar que o objeto de estudo da linguística estrutural é língua, o sistema em si, o conjunto de signos do qual uma

comunidade se vale para estabelecer comunicação, além do conjunto de normas que a rege.

Contudo, não é possível afirmar que a fala não esteja atrelada ao objeto de estudo da linguística estrutural. A língua é sim necessária para que haja fala e, conseqüentemente, comunicação, entretanto, a língua só se apresenta, só se ascende devido ao mecanismo da fala, que depende dela para a prática dialógica.

2.2 Sincronia e diacronia

Estudar a língua de um grupo de falantes parecia estar sempre vinculado a um panorama histórico e, de fato, isso ocorria. A geração dos neogramáticos na segunda metade do século XIX apresentou uma regularidade própria da língua no que diz respeito às mudanças variacionais. Essas não ocorriam porque os indivíduos queriam que ocorresse, elas simplesmente ocorriam.

A questão era que a linguística deveria mesmo estar ligada às manifestações históricas, pois, um dos seus objetivos principais era descrever como, com o passar do tempo, as línguas se constituíam como tal e por quais mudanças passavam nas comunidades de fala.

Nesse sentido, a investigação linguística deveria se amparar na dicotomia saussreana que lidava com a diacronia e a sincronia. Explica Saussure: “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 1975, p. 96).

O estudo sincrônico era, então, o estudo descritivo de um recorte, uma parte limitada dentro de um espaço e de um tempo, ao passo que o caráter diacrônico dizia respeito a um ou mais acontecimentos que contribuíram para uma mudança histórica numa dada língua

No entanto, devido ao fato de grande parte dos falantes de uma língua não conhecer sua história, e de não ser realmente necessário conhecê-la para utilizá-la cotidianamente, justifica-se a preconização do estudo sincrônico na linguística estruturalista.

2.3 Significante e significado

É afirmado por Saussure que a língua nada mais é do que um sistema constituído por signos. Cada elemento é representativo de algo, ou seja, tudo significa algo e, assim, tudo é signo. O sistema linguístico compõe-se de duas noções indissolúveis do signo: significante e significado.

Ao falar em significante, falamos da impressão mental da imagem acústica de uma palavra. Ao pronunciarmos a palavra “pássaro”, por exemplo, o significante está mais para a imagem do som, mais para o material do verbete.

Já o significado, por sua vez, está mis para a representação conceitual da palavra, é a parte atribuída a algo passível de significação. O mesmo exemplo da palavra “pássaro” recebe como significado o conceito de uma ave, com suas características comuns, tais como composta de asas, penas, um bico, e assim por diante.

É possível apontarmos ainda, para a questão da motivação e da não motivação (a arbitrariedade do signo) do signo linguístico. Costa (2008, p. 120) traz o exemplo da palavra “livro” no português, ou “book” no inglês: não há semelhanças aparentes entre elas para se dizer que uma ou outra é associada ao significado atribuído à materialidade do livro em português. Essa relação é algo que recebe uma conceptualização do não motivado, pois é cultural, é convencionado por um grupo de falantes, é uma relação arbitrária. Em contraposição, ao tomarmos as onomatopeias como exemplo, chegamos facilmente à conclusão de que estas não são arbitrárias, mas sim motivadas pela materialidade proveniente do significante.

2.4 Sintagma e paradigma

Compreendendo a língua como um instrumento de comunicação e que, como tal, impõe regras para sua utilização adequada e eficaz, construímos uma frase de exemplo a partir de signos linguísticos articulados em linha, ou seja, um após o outro, sem esquecer das regras do sistema linguístico que os regem. À sentença pronta composta por signos e, conseqüentemente, à relação entre os signos que fazem com que a sentença seja compreensível, dá-se o nome de relação sintagmática.

François Dosse, na obra *História do estruturalismo*, define três ideias centrais latentes na obra de Saussure:

a primeira é a de que o objetivo das ciências humanas é estudar os sistemas formais. [...] Assim, o que se colocava em primeiro plano era o estudo das formas e das relações, excluindo o das substâncias e das qualidades. A segunda ideia é a de que a língua é um sistema preexistente ao uso que dela fazemos. A fala representaria unicamente relações particulares e históricas. Assim, os estruturalistas privilegiavam a dimensão sincrônica dos fenômenos e não diacrônica. A terceira ideia é a de que a língua é um fenômeno social que se constitui independentemente do sujeito que dela faz uso. Eliminava-se, assim, a percepção consciente do sujeito (DOSSE, 2007, p. 12).

3 O viés americano do Estruturalismo

O estruturalismo norte-americano é, basicamente, sustentado pelas teorias de Leonard Bloomfield até meados dos anos 50 e, sua base não vem dos estudos saussurianos, mas ambos coexistem e possuem algumas ideias bastante semelhantes entre si.

Nos Estados Unidos havia a necessidade de se compreender as línguas ameríndias analfabéticas e ágrafas e é nesse contexto que os trabalhos de Edward Sapir e de Franz Boas, especialistas em línguas ameríndias, começam a se sobressair e a dar força ao movimento estruturalista (ou distribucionalista, como ficou conhecido), que buscava descrever as línguas referidas de maneira sincrônica.

A essencial distinção entre estudos estruturalistas propostos por Sapir e aqueles propostos por Saussure se dá no modo de utilização dos resultados da análise estrutural da língua. Sapir fez mais uso do contexto social do que as análises saussurianas fizeram. Para ele, os resultados linguísticos deveriam ficar frente a frente com os resultados da análise estrutural da cultura material e espiritual das comunidades falantes daquela língua.

Essa linha de pensamento foi, certamente, influenciada pelo contexto de mais de uma centena de famílias de línguas ameríndias, o que somava mais de mil idiomas que não contabilizavam material grafado.

Bloomfield possuía também um vasto trabalho acerca da análise linguística, buscando sintetizar teoria e prática. Almejava um sistema básico que fosse capaz de ser envolver conceitos aplicáveis à descrição de qualquer língua.

É visível aqui, uma leve oposição ao estruturalismo europeu no tocante às línguas desconhecidas e/ou sem registros antecedentes. Costa (2008, p. 123) nos mostra os principais pressupostos defendidos por Bloomfield:

- ❖ cada língua possui uma estrutura específica;
- ❖ essa estruturação é evidenciada a partir de três níveis principais: o fonológico, o morfológico e o sintático, que, por sua vez, constituem uma hierarquia;
- ❖ cada nível é constituído por unidades do nível imediatamente inferior;
- ❖ a descrição de uma língua deve começar pelas mais simples, partindo em direção às mais complexas;
- ❖ cada unidade é definida em função de sua posição estrutural;
- ❖ a descrição requer objetividade, o que faz com que o estudo da semântica seja excluído do escopo da linguística.

Há ainda a própria questão da naturalidade sistêmica da combinação de unidades que agrupam fonemas para obtenção de morfemas, combinação destes para obtenção de palavras, e combinação destas para obtenção de frases, o que significa dizer que algumas construções são permitidas dentro dessa perspectiva, enquanto outras não são.

Ao observarmos que a frase em português “Carro no entrou menina a” não possui sentido lógico de compreensão, esse sentido pode ser aceito dentro da teoria do distribucionalismo *bloomfieldiano*.

Ademais, era ainda necessário para a observação e descrição das línguas, a constituição de um *corpus* junto a um inventário próprio que permitisse apontar as unidades elementares em cada nível de análise, a própria análise em si, observando as classes gramaticais, além da exclusão do aspecto semântico que compusesse o corpus analítico.

4 As concepções estruturalistas chegando ao Brasil

Os vestígios dos estudos comparatistas que vinham ocorrendo na Europa se fizeram presentes no Brasil após um estágio considerável de avanço. Em nosso país havia uma realçada tendência no estudo vernáculo restrito à conotação normativa, que vinha sendo palco principal da linguagem no período racionalista. É a partir da segunda metade do século XIX que começam a vigorar autores como Schleicher, com discussões acerca do evolucionismo linguístico, fundamentadas em teorias darwinistas sobre a evolução humana. Esse momento é o início de uma popularização de textos que seguem por uma trilha de princípios da linguagem associados a princípios biológicos. Destacamos, no cenário brasileiro, o filólogo Fausto Barreto, que fez uso, na investigação linguística, dos mesmos métodos utilizados pela biologia. A presença da etimologia nos estudos da Linguística foi marcante nessa época e dela consolidaram-se autores como Máximo Maciel, Alfredo Gomes e outros.

Um segundo momento do percurso histórico é sinalizado pelo fato em língua vernácula, fase essa a que Cavaliere (2001) dá o nome de fase legatária, visto que legitima com novos aportes teóricos os produtos resultantes dos estudos realizados até então, sem abandoná-los.

Um traço particular dessa fase, ademais, diz respeito ao uso de *corpus* eminentemente literário, em que dominam os clássicos portugueses, para abonar teses sobre construções vernáculas contraditórias. Não se abandonam, decerto, o rigor científico e o espírito positivista que estiveram na formação do período científico; percebe-se, isto sim, uma mudança de interesse na pesquisa, de tal sorte que questões mais abrangentes, como a construção do paradigma verbal ou o problema das partes do discurso, cedem espaço para aspectos idiossincráticos do português, tais como as construções com *se*, as regências e os casos mais raros de concordância verbal. Busca, enfim, uma descrição mais minuciosa das construções portuguesas, de tal sorte que se distingam as dignas de uso em norma elevada, por serem as mais abonadas pelo texto literário. (CAVALIERE, 2001, p. 61)

Merece ser salientado que no Brasil as ideias de fundamentação do estruturalismo europeu², os elementos dos sistemas linguísticos, todos foram inaugurados em ambiente acadêmico por Joaquim Mattoso Camara Junior, durante as aulas da ciência linguística ministradas no final dos anos 30 na Universidade do Distrito Federal. Desses cursos ministrados, tem-se como um importante resultado o primeiro manual de linguística brasileiro: *Princípios de Linguística Geral*, além de importantes traduções de textos de Edward Sapir e de Roman Jakobson, por exemplo.

Considerações finais

É inegável a importância dos estudos saussurianos para a escola estruturalista e, sem dúvida, para a Linguística como um todo. Os desdobramentos sistêmicos de Saussure pautaram questões que não ficaram restritas ao estruturalismo, posto que, como dissemos, ele não era um estruturalista de fato. De sua contribuição desdobraram-se outros modos de pensar e de direcionar a Linguística para distintos campos do conhecimento humano, como, por exemplo, a Sociolinguística, a Semiótica, a Neurolinguística, a Análise do Discurso, entre outras disciplinas teórico-metodológicas que vieram amadurecimento seus pontos de vista, sua teorização e sua aplicação ao longo do tempo.

É interessante reparar, também, o quão desenvolvido tornou-se o estruturalismo americano, apesar de importar pra si alguns preceitos já delineados na corrente europeia, e o quão claro deixou o fato de a realidade ser segmentada pela língua e de essa impor aos seus falantes modelos de significação.

Em relação ao Brasil, o atraso na chegada dos estudos que já alcançavam resultados avançados e cada vez mais abstratos e, com uma crescente gama de questionamentos a serem verificados, fez com que nada começasse sem uma fundamentação originária. Camara Junior trouxe os postulados para o meio acadêmico do país, e viabilizou o desenvolvimento de complexas teorizações linguísticas.

Em vias de conclusão, esse texto buscou traçar um breve panorama do estruturalismo linguístico e da elevação da Linguística ao patamar de ciência,

²Na Europa com Saussure e os linguistas que compunham o Círculo Linguístico de Praga; mas concomitantemente nos Estados Unidos da América, engajado por Edward Sapir, ambos os acontecimentos datados da década de 20 e, posteriormente, consolidado por Bloomfield.

compreendendo metodologias e objeto próprios, além de poder servir como objeto de apoio a estudos iniciantes na área.

Ademais, é de nossa intenção, a partir desse material, a motivação para estudos que contemplem as postulações saussureanas, tanto em nível de análise linguística como de comparação entre pontos específicos de outras linhas de estudo que surgiram no cerne da Linguística.

Referências

BACH, Emmon. A lingüística estrutural e a filosofia da ciência. In: **Novas perspectivas linguísticas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

CAVALIERE, **Ricardo**. **Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil**. Revista Alfa. Ed. 45, p. 49-69. São Paulo, 2001.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-126

DOSSE, François. **História do estruturalismo: o campo do signo – 1945/1966**. Bauru: Edusc, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Estudos pré-saussurianos**. In: MUSSALIM, Fernanda. Bentes, Anna Christina (Orgs). Introdução à linguística. V. 3. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2005. p. 27-42.

MILANI, Sebastião Elias. **Humboldt, Whitney e Saussure: romantismo e cientificismo-simbolismo na história da linguística**. 2000. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.